

INFORMAÇÃO E MUDANÇAS SOCIAIS NO CAPITALISMO INFORMACIONAL

Marco Antônio de Almeida *

Christian Carvalho Ganzert **

1. Introdução

A fase informacional do capitalismo redesenhou as relações entre os homens, assim como acelerou a dinâmica dos fatos sociais que envolvem as relações humanas. A revolução tecnológica que culminou no redimensionamento cultural do ambiente ocupado pelo homem decretou definitivamente a união entre produção e ciência. Essa nova fase não se deve somente às mudanças baseadas na tecnologia, mas ao ritmo em que essas mudanças ocorrem. Como enunciou Leopoldseder (1999), “desenvolvimentos tecnológicos sempre existiram. O que é novo em nossos tempos é a rápida sucessão de seus saltos quânticos” (LEOPOLDSEDER, 1999, pp. 67-68).

O homem em sociedade está sempre sujeito às mudanças ocorridas no plano coletivo, sob as penas dos impactos diretos das transformações tecnológicas sobre a cultura e o estilo de vida de seu tempo. Especialmente no caso da revolução informacional, o homem tornou-se particularmente vulnerável às mudanças: elas ocorrem, nessa nova fase do sistema, em maior quantidade e intensidade.

Ao observarmos o ambiente cotidiano, percebemos que a intensificação dos fluxos informacionais, causa e consequência de um novo paradigma tecnológico, alterou profundamente não somente as relações entre os agentes sociais, mas de uma forma mais ampla, as próprias relações econômicas e as especificidades dos mercados consumidores. Atendo-nos ao fato de que os mercados também são influenciados pelas modificações culturais, percebemos que o fenômeno da intensificação dos fluxos informacionais invade todos os planos da interação humana.

A organização do trabalho humano sofreu intensas modificações por conta da disponibilidade de novos recursos tecnológicos, o que é comum ao longo da história, mas nunca na velocidade percebida após a década de 1970. Ainda não há consenso, mas apenas algumas reflexões, no que tange à ordem de influência entre cultura e produção no ambiente social. Talvez, como quase todos os elementos inseridos no contexto dos novos paradigmas tecnológicos, esta influência esteja em

sentido duplo, num misto de causa e efeito que encerra o assunto sob o crescente tecnicismo oferecido pelo mundo digital.

2. O Capitalismo Informacional

A nova fase do capitalismo nos trouxe uma profunda transformação de conceitos, que acabam por re-configurar a própria forma de trabalhar com a informação. Em meio a um desdobramento acelerado de culturas – permeadas pelos novos elementos e códigos que a revolução digital nos trouxe – a relação entre o indivíduo e a informação mudou drasticamente. O que antes era elemento de fomento de um determinado conhecimento, muitas vezes generalista, passou a ser um instrumento decisório cada vez mais específico, em alguns momentos sendo mais do que uma parcela do amálgama de um conhecimento maior, mas o conhecimento em si. Como nos mostra Santos (2004):

No final do século XX um novo paradigma tecnológico cria novas possibilidades e altera os processos da economia, política, relações sociais e culturais. Falar de um novo mundo não é exagero já que as mudanças vivenciadas na atualidade fazem emergir uma nova configuração resultante das interações, também novas, entre as diferentes dimensões das atividades humanas. As maneiras de fazer e mesmo de ser e pensar da humanidade - em constante mutação - são alteradas pela evolução tecnológica. O primeiro aspecto a se destacar desta nova era é que esta revolução tecnológica está centrada nas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Isso faz com que as fontes de produtividade - informação e conhecimento - sejam, ao mesmo tempo, o produto gerado, pois a finalidade do desenvolvimento tecnológico, passa a estar centrado na produção de novos conhecimentos e informação (SANTOS, 2004).

O processo de mudança da própria função da informação em meio ao percurso social do indivíduo está diretamente relacionado à necessidade de agilidade nas atividades do mundo regido pelo capitalismo informacional. Com isso, a informação passa da sua função instrumental para o foco da atividade. O imediatismo funcional da informação inserida nos processos do capitalismo cotidiano é fruto de uma série de transformações culturais, guiadas por alterações

de valores institucionalizados, que ocorrem orquestradas pelo percurso histórico do sistema.

O informacionalismo, seguindo a tendência das fases anteriores do capitalismo, pode ser considerado um sistema baseado na racionalidade instrumental, talvez em maior parcela do que se viu anteriormente. Esta razão, apesar das mazelas do sistema, está cada vez mais distante de ser contestada, pois usa como referência a própria constituição de uma realidade objetiva que elimina os pontos de questionamento. A ciência, baseada sobre os princípios de uma racionalidade instrumental oriunda do iluminismo, está cada vez mais ligada ao modo de operação da sociedade contemporânea, e por se basear em conceitos de uma objetividade e reprodutibilidade exata do meio real, acaba por legitimar os processos do informacionalismo. Segundo Gontijo (2005):

A racionalidade instrumental foi o conceito desenvolvido no bojo da teoria crítica para identificar o crescente processo de instrumentalização da razão iluminista visando à dominação e à repressão do homem, aponta Freitag (1988). A técnica e a ciência moderna são a objetivação, segundo a teoria crítica, dessa razão instrumental (GONTIJO, 2005, p. 73).

Diante da instrumentalização de um racionalismo crítico cada vez mais ligado à nova fase do sistema capitalista, a constante otimização dos processos e o aumento dos recursos operacionais voltam à cena como elementos determinantes para a obtenção do objetivo final dos agentes do sistema: o lucro. O sistema capitalista, longe de estar diante de um fim – apesar da transformação radical em sua estrutura prática – continua impulsionando os agentes sociais em busca da acumulação de recursos. Em tempos onde um novo aparato tecnológico permite o aumento dos fluxos informacionais com conseqüente otimização dos recursos produtivos, quiçá tornando-se a própria produção, reitera-se a importância da informação no meio empresarial – e em todo e qualquer processo produtivo humano cotidiano. Quanto melhor se adaptarem as instituições aos novos modelos de produção, tendo a informação como instrumento e foco ao mesmo tempo, mais rápido chegarão à melhoria dos processos e crescimento dos lucros.

Os instrumentos que cercam o acesso à informação, vital para o funcionamento do sistema tal qual contemplamos em nossos dias, passa pelo

conhecimento de códigos e termos oriundos dos meios de comunicação. Esses novos termos fazem parte de um conjunto de elementos que representa a cultura de nossos tempos, um amálgama de símbolos oriundos da utilização de novas tecnologias de processamento de outros símbolos. As novas tecnologias de informação têm o incrível potencial de gerar informações, processá-las e, no cume de todo o processo, tornar os elementos decorrentes de sua técnica parte de uma cultura geral dos usuários.

Essa cultura que intermedeia a relação entre homens sob o aparato informacional aproxima-se da chamada *cultura do meio*, uma forma orientada para o emprego de técnicas de comunicação derivada da cultura universalizada promovida pela globalização.

A sociedade condiciona o homem colocando-o diante de escolhas. Essas escolhas mudam de sociedade para sociedade, mas mantêm-se dentro das regras pré-estabelecidas pelo corpo social, unidas a uma rede de significados que possui fortes conexões históricas com o desenvolvimento das comunidades. Mesmo quando o homem escolhe não fazer parte de um determinado ponto das determinações sociais, agindo na marginalidade do que foi proposto pelo contrato social, ainda assim está adotando uma opção sinalizada pela vida em sociedade (ou por oposição a ela). Uma das características marcantes do informacionalismo é o aumento de opções aos indivíduos, sustentado pela lógica de individualização da informação desempenhada no processo de emergência da sociedade informacional.

Ainda que haja o aumento das escolhas do indivíduo, seja no que tange ao consumo ou à sua vida profissional, essas escolhas são limitadas pela possibilidade de acesso. O acesso aos bens e serviços, assim como o acesso aos padrões de vida e mesmo às informações, segue uma lógica própria do capitalismo informacional.

Saber como o homem se relaciona com o meio, especialmente na vida em sociedade, passa hoje pelo saber como ele se relaciona com a tecnologia de informação. É ela que determinará várias das atividades e relações que o indivíduo estabelece diante do informacionalismo. É a relação com o aparato informacional que conectará o indivíduo com o resto do mundo globalizado.

Esse ambiente de integração faz com que o homem contemporâneo se sinta como parte de algo maior, dentro de um esquema de globalização que se relaciona contraditoriamente com as políticas nacionais e com as questões regionais. Essa integração ocorre também na esfera da linguagem, aproximando o indivíduo a uma

cultura do meio. Mas há uma questão redundante no informacionalismo, importada da fase do industrialismo e potencializada pela dinâmica imposta pelas novas tecnologias de informação: a exclusão. Ao mesmo tempo em que o homem interage com o mundo com ferramentas cada vez mais eficientes, estas mesmas ferramentas garantem o aumento da competitividade individual.

Em um mundo mais competitivo, sobressaem-se aqueles indivíduos com melhor preparo para desempenho das funções necessárias sob a nova ótica informacional. Os demais indivíduos, que não possuem instrumentos para se adequar às exigências de padronização profissional do informacionalismo acabam ficando de fora dos processos de produção social e, conseqüentemente, à margem da obtenção de bens e serviços – socialmente excluídos. A exclusão social está bem definida na análise de Castells (2000):

... defino a exclusão social como o processo pelo qual determinados grupos e indivíduos são sistematicamente impedidos do acesso a posições que lhes permitiriam uma existência autônoma dentro dos padrões sociais determinados por instituições e valores inseridos em um dado contexto (CASTELLS, 2000, p. 98).

Este modelo de exclusão social é o tipicamente encontrado nas análises sobre o informacionalismo. O mesmo Castells (2000) garante que “o surgimento do informacionalismo neste final de milênio [passado] está entremeado de desigualdade e exclusão social crescentes em todo o mundo” (CASTELLS, 2000, p. 95).

Isto nos mostra mais uma característica do informacionalismo, a qual é simbolizada pela complexidade técnica das atividades vinculadas ao processamento de informações, estando este atrelado ao aumento da competitividade e da exclusão social.

3. Informacionalismo: inclusão e exclusão social

O indivíduo no capitalismo informacional, como peça mínima de um sistema cada vez mais dinâmico, é fundamental para o funcionamento de instituições e empresas. Sua integração com o aparato tecnológico é tida como diferencial

competitivo e elemento determinante na ampliação da produtividade e dos lucros, como nos lembra Riboud (1988) desde a fase pós-industrialista:

Na era da automação, da robotização e da sociedade da informação, a competitividade das empresas está hipotecada à inteligência dos assalariados, à sua iniciativa, ao seu senso de responsabilidade e de antecipação (...) A capacidade nominal de uma máquina e a cronometragem das tarefas nada significam quanto à eficácia produtiva (...) A nova produtividade denominada global depende inteiramente da qualidade da nova relação entre homem e máquina, capital e trabalho. Se, nesta relação, houver recusa, fratura, ignorância, tensão (...) a resultante será a perda da competitividade (RIBOUD, 1988, p. 37).

Não se trata aqui do redimensionamento das funções de trabalho, mas da própria competência no exercício das atividades. Para a empresa inserida no informacionalismo, vale mais a integração entre funcionário e aparato técnico na busca da produtividade. Por isso mesmo, são as empresas, aliadas às universidades e aos governos, que investem cada vez mais em novas tecnologias, na busca incessante por ampliar seus ganhos.

O indivíduo se torna, uma vez incluído no processo produtivo, peça ímpar em uma estrutura secundária do tecido social de relevância impreterível. Analisando as diferenças entre os excluídos e os incluídos do informacionalismo, é possível chegar a algumas conclusões. Primeiramente, há uma forte influência das questões que se referem às economias regionais no desenvolvimento técnico dos profissionais nas diferentes nações do mundo.

Indivíduos de nações com baixo desenvolvimento tecnológico têm maior propensão a comporem a massa de excluídos. Enquanto uma criança norte-americana tem a chance de freqüentar as aulas em escolas bem aparelhadas, com professores treinados, tendo acesso à internet, segurança alimentar, estrutura familiar e legislação que a protege durante seu desenvolvimento intelectual, um aluno do Zimbábue não possui nada disso. Pelo contrário, cada vez mais, especialmente nos países da África e América do Sul, as crianças ocupam lugar na economia informal, distanciando-se da escola e de seu posterior acesso aos

empregos de melhor capacitação técnica e maiores remunerações (CASTELLS, 2000).

Nesse fenômeno, apesar do aumento dos indivíduos incluídos (especialmente no Norte do globo), há um aumento sem precedentes dos níveis de excluídos, particularmente nos países de industrialização tardia (exceto os casos de alguns países asiáticos que se industrializaram após a década de 50). Isso explica, em parte, o buraco negro do sistema, analisado por Castells (2000):

O informacionalismo dá origem a uma profunda divisão entre pessoas e locais considerados valiosos e não-valiosos. A globalização atua de forma seletiva, incluindo e excluindo segmentos de economias e sociedades das redes de informação, riqueza e poder, que caracterizam o novo sistema dominante (CASTELLS, 2000, p. 191).

Mesmo países centrais sofrem com o aumento da pobreza, tal qual o caso dos Estados Unidos (CASTELLS, 2000). O indivíduo, nesse mundo *high tech* cada vez mais dividido entre pobres e ricos, acaba se vendo diante de algumas alternativas, que condicionarão a sua atuação no ambiente social. Essas alternativas se dão de acordo com as oportunidades de acesso à informação, seja ela de ordem técnica ou cultural (sobre a linha tênue que divide uma de outra). Isso está impresso na consideração de Dantas (2003), onde:

... qualquer indivíduo necessita de informação para assegurar a sua sobrevivência e realizar o seu ser social (...) [para isso] o sujeito precisa oferecer, ao mercado capitalista, um investimento prévio, em formação e capacitação, que lhe garantirá ser empregado por este mesmo mercado capitalista na geração e repartição de rendas informacionais. Quem não dispõe desse investimento inicial, está excluído (DANTAS, 2003, p. 24).

Diante do aumento da competitividade, do aumento da dinâmica do sistema, da distância cada vez mais acentuada entre os incluídos e os excluídos, o indivíduo se encontra diante de um dilema: se nascer pobre, suas chances de chegar ao topo hierárquico da distribuição de bens e serviços do sistema serão mínimas, tão pequenas quanto aos investimentos reais para reduzir a pobreza e aumentar a inclusão. O investimento em informação é uma das poucas armas para escapar ao solapamento em um mercado de trabalho com vagas cada vez mais concorridas.

Este investimento não significa apenas o uso de dinheiro para obtenção de uma educação de boa qualidade. Em nações mais desenvolvidas – e outras que se esforçam em adotá-las como modelo – a educação de qualidade ainda é oferecida pelo Estado, mesmo que sejam poucos os indivíduos que oriundos deste modelo possam concorrer de igual para igual com os alunos das instituições particulares. Além de dinheiro, o investimento de tempo é fundamental, tanto em estudos e pesquisas quanto no estabelecimento de relações com o meio, que resultarão em um arcabouço teórico/técnico e inserção em redes interpessoais de notabilidade compatíveis com as exigências do mercado.

O tempo, como um dos componentes físicos de maior escassez na vida contemporânea, está diretamente ligado à sorte do indivíduo possuir acesso espacial a ambientes de decodificação e estudo das informações. Como este tipo de ambiente consideramos os terminais das redes que suportam o fluxo informacional em nível macroscópico. Tipicamente, a maioria das informações é decodificada e utilizada com função social no ambiente urbano. Ao enxergarmos a sociedade como uma infindável teia de relações comunicacionais, verificamos que os aglomerados urbanos são os pontos de maior ocorrência destas. Portanto, há uma aparente correlação entre as cidades e a o acesso à informação, a qual se confronta com a libertação espacial sugerida pela rede telemática. De fato, ainda que esteja embebida em uma aparente virtualidade, a rede de computadores depende de fatores reais para existir, como os condutores físicos dos fluxos (cabos de fibra ótica ou outros materiais e o ar, no caso das ondas de rádio, etc...) e os suporte digitais da informação (discos rígidos, circuitos de memória e mídias diversas) nos terminais de acesso ao ciber mundo (os computadores, propriamente ditos). Todo o aparato tecnológico informacional está localizado em um mundo real, e seu acesso também depende desse mundo. Por isso, questões geográficas, ainda na era da desagregação espacial por conta das novas formas de acesso, são de extrema importância na obtenção da informação. Isso, aparentemente, tem relação direta com a gama de possibilidades de investimento do indivíduo em informação técnica sobre as mais diferentes áreas de atuação e setores produtivos do mundo contemporâneo, tendo visto que as condições sociais e geográficas determinam a abundância ou escassez de recursos informacionais, indispensáveis na aquisição de elementos fomentadores de um perfil competitivo no mercado globalizado.

O acesso às condições que permitem competir no mercado de trabalho do mundo globalizado é muito mais difícil nos países em fase de desenvolvimento do que nos desenvolvidos, não somente por questões políticas ou econômicas,

culturais e históricas, mas pela própria indisponibilidade do aparato informacional – tradicionalmente baseado sob uma cultura típica dos países ocidentais ou “ocidentalizados”. Obviamente, os recursos informacionais mais modernos são mais abundantes nos locais de onde provieram os meios para que eles fossem inventados, sabendo que na maioria das vezes são estas mesmas regiões que se beneficiarão do excedente (cultural ou econômico) que emergirá do uso das novas tecnologias.

4. Infotrabalhadore ou cognitariado?

Até agora falamos de informação de uma maneira não-explicitada, como se houvesse um consenso estabelecido em relação ao seu significado, o que não é verdade. A partir do século XX, especialmente em sua segunda metade, o conceito de informação passou a receber novas conotações, das quais duas merecem maior atenção.

A primeira é a adotada pela cibernética, que define informação como medida de incerteza, como processo de introdução de ordem num sistema tendencialmente entrópico. Esse conceito é incorporado pela economia neoclássica, que propõe a equidade e neutralidade da informação para a “alocação ótima” de recursos. A economia neoclássica, de um modo geral, concebe a informação como oposta à mercadoria: não é divisível, não é apropriável e não exprime certeza, mas incerteza. Desse modo, adota uma postura cética diante das possibilidades de mercantilização da informação.

A segunda conotação do termo informação passou a circular nos anos 70, com a idéia de uma “evolução” da sociedade capitalista em direção a uma “sociedade da informação”. Em um artigo de 1977 Marc Porat definiu informação como “dados tratados e organizados”. Já Daniel Bell, autor de *O advento da sociedade pós-industrial*, definiu informação como processamento de dados em seu sentido mais amplo: estocar, recuperar e processar dados como atividade e/ou recurso essencial para todas as trocas econômicas e sociais (Mattelart, 2002). Essa associação entre informação e dados irá se tornar central nas análises posteriores dos rumos do capitalismo (como no caso, por exemplo, de Castells, que mantém, no entanto, alguns aspectos da concepção cibernética da informação).

O fato é que a informação em suas múltiplas formas e concepções (científica, artística, mercadológica) tornou-se central na dinâmica social

contemporânea. Pilar da revolução científico-tecnológica, o caráter produtivo da comunicação de informações como “continuação da produção na circulação” é apontado por teóricos marxistas, como Jean Lojkine, Mauricio Lazzarato, Franco Berardi, Marcos Dantas. Eles são alguns dos que refletiram acerca da noção de “capitalismo cognitivo” para descrever o atual momento histórico — que, coerentemente com a visão de Marx, permanece como palco de conflitos e disputas entre grupos inseridos de forma diferenciada na sociedade capitalista.

Jean Lojkine (2002) retoma a perspectiva marxista ao apontar o conflito entre a constituição de redes informacionais, conexões densas e interativas entre os setores da produção e, de outro lado, a centralização-concentração de informações e decisões estratégicas. Desse modo, a perspectiva histórica de análise da sociedade de classes e um de seus conflitos centrais é reposta — a superação da divisão entre concepção e realização, entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo.

Para Franco Berardi (2005), as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), abrem a possibilidade de um trabalho digital abstrato, modificando assim as relações entre concepção e execução do trabalho socialmente necessário, demandando, dessa maneira, uma redefinição da noção de trabalho abstrato proposta por Marx. Embora a atividade física visível de muitos trabalhadores aparentemente seja a mesma, em sua essência trata-se de algo profundamente diferente:

O trabalho se tornou parte de um processo mental, elaboração de sinais densos de saber. Tornou-se muito mais específico, muito mais especializado: o advogado e o arquiteto, o técnico informativo e o caixa do supermercado estão diante da tela do mesmo monitor e batem nas mesmas teclas, mas um não poderia nunca assumir o posto do outro, porque o conteúdo de sua atividade de elaboração é irredutivelmente diverso e intransferível (BERARDI, 2005, p. 39).

Por trás do processo de digitalização estão dois aspectos diferentes, embora integrados. De um lado, a infra-estrutura da rede telemática possibilita a coordenação dos diversos fragmentos do trabalho; de outro lado, o processo de trabalho dissemina-se em infinitas unidades produtivas autônomas, que, entretanto, permanecem coordenadas e dependentes entre si. O salário global é desestruturado, mas o trabalhador passa a se considerar o “empresário de si

mesmo”, provocando, entre outras coisas a identificar seu trabalho, do ponto de vista existencial, como uma missão.

O caráter não-hierárquico da comunicação em rede contribui para uma representação ilusória do infotrabalho como independente. Desse modo, a idéia de trabalho autônomo, independente, é uma ficção ideológica. O controle do trabalho assume uma forma diferente do modelo taylorista: é reticulado e incorporado ao fluxo. Berardi observa que há uma diferença entre trabalho autônomo e trabalho criativo. O primeiro guarda uma relação direta com o mercado; na maior parte das vezes, o infotrabalhador ainda está a serviço de um patrão (como nas modalidades clássicas de trabalho assalariado), embora este se torne anônimo na medida em que suas decisões aparecem como produtos do “sistema”: a resultante de automatismos tecnológicos e/ou financeiros.

Difunde-se, assim, uma ideologia “felicista” (termo empregado por Berardi) que se apóia nas possibilidades abertas pelas inovações tecnológicas, especialmente as TICs – vide a revista californiana Wired como referência dessa tendência. Berardi reconhece a contribuição original de um dos arautos dessa tendência, Pierre Lévy, especialmente em seus primeiros livros. Ressalta a importância de se abordar as tecnologias informáticas no interior de um quadro filosófico, assim como a construção de conceitos estimulantes para se explorar a nova realidade, como o de inteligência coletiva. Entretanto, é bastante crítico em relação às suas últimas produções. Para Berardi, Lévy está correto quando afirma que a economia e a competição econômica são os meios pelos quais a civilização e a cultura se desenvolvem hoje; por outro lado, essa apologia da economia é falsa, já que não registra a violência embutida no processo, a marginalização e a desigualdade produzidas inevitavelmente e a destruição social conseqüentemente implicada.

A partir dessas considerações, Berardi propõe noção de *cognitariado* em oposição à noção de infotrabalhador:

Nesse sentido, definirei o trabalho cognitivo como a atividade socialmente coordenada da mente, finalizada na produção de semicapital. Trabalho cognitivo é o processo de trabalho da ação conectiva do cognitariado. O que significa a palavra ‘cognitariado’? É evidente que essa palavra-valise traz em si dois conceitos: o de trabalho cognitivo e o de proletariado. Cognitariado é a corporeidade social do trabalho cognitivo (BERARDI, 2005, p. 73).

Em uma última crítica à Lévy, Berardi afirma que a inteligência coletiva não reduz ou resolve a existência concreta do cognitariado, do mesmo modo como não reduz ou resolve a complexidade e os sofrimentos impostos ao corpo planetário.

5. Considerações Finais

A sociedade contemporânea, em plena era da informação, está permeada pelos mesmos valores da fase industrial do capitalismo, embora estes tenham sofrido as adulterações provocadas pelo adendo tecnológico informacional. O ideário de consumo, tão presente durante o industrialismo, se modifica em conteúdo e proporção no informacionalismo, mas não deixa de existir. As relações de trabalho entre os diversos agentes sociais se tornam mais complexas e voltadas para o processamento de informações. Isso aparece na percepção de Dantas (2002), onde se mostra o real posicionamento do indivíduo na produção do capitalismo informacional:

Nessa esfera de trabalho com informação, característica do capitalismo avançado, a principal atividade das pessoas é tornar disponível algum dado necessário a alguém. Em grandes ou pequenas organizações (...) cada indivíduo inserido na produção capitalista não passa de um elo informacional que recebe, processa e transmite algum subconjunto de informação necessário às atividades de outros indivíduos, ou do conjunto do subsistema social no qual interage (DANTAS, 2002, p. 141-142).

Tal interação entre indivíduos na produção continua a ser mediada pela máquina, como ocorria na fase industrial do sistema. Mas esta máquina está longe de ser, como antes, um mero prolongamento do corpo do trabalhador. A máquina da era da informação é um prolongamento da capacidade intelectual do trabalhador, não somente na transmissão de dados, mas também no processamento de informações que impactam, de uma forma ou de outra, no fluxo produtivo de todo o sistema.

Fruto do informacionalismo, a reorganização do trabalho no interior da sociedade reflete a exposição de Dantas (2002). Desde os cargos administrativos mais recorrentes (contínuos, auxiliares, escriturários, etc...) até os mais raros (diretores, executivos, assessores, etc...), todos passam pelo manuseio de informações. Os cargos técnicos em TI, que de certa forma possuem envolvimento direto e indireto com as informações (desenvolvedores, programadores, analistas,

etc...) são os que representam e dão face à fase atual do sistema. O investimento em adendos curriculares e conhecimentos – teóricos ou práticos – para exercício das funções demandadas pela nova era da informação, apesar de estar absolutamente submetido a uma série dos fatores já abordados, é redundantemente indispensável para a permanência do indivíduo no mercado de trabalho de nossos tempos

Podemos, nesse caso, lembrar Castells, quando ele aponta que o elemento de divisão social mais importante hoje, ainda mais importante que a conectividade técnica, é a capacidade educativa e cultural de utilizar a informação. Trata-se de saber onde está a informação, como buscá-la, transformá-la em conhecimento específico para fazer aquilo que se quer fazer. Hoje, indivíduos, grupos e instituições refletem sobre a importância estratégica da comunicação e da informação para a efetivação das ações sociais. A organização e a disseminação de estoques de informação têm que levar em conta a dinâmica sociocultural, tanto no plano local como no global. Assim se vislumbra um desafio crucial da Sociedade da Informação: o de gerar nos indivíduos e grupos as competências simbólicas e comunicacionais para a compreensão dessa nova realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERARDI, Franco. *A fábrica da infelicidade: trabalho cognitivo e crise da new economy*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.
- CASTELLS, Manuel. *Fim de Milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DANTAS, Marcos. *A Lógica do Capital-Infomação*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2002.
- DANTAS, Marcos. Informação e trabalho no capitalismo contemporâneo. *Lua Nova*, no. 60, pp. 05-44, 2003. ISSN 0102-6445.
- GONTIJO, Miriam. Sujeito, tecnologia e recepção: contribuição aos estudos de uso de novas tecnologias de informação e comunicação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 70-85, jan./jun. 2005.
- LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.
- LEOPOLDSEDER, Hannes. Ten indications of an emerging computer culture. In: DRUCKREY, T. (ed.). *Ars Eletronica: Facing the Future – A Survey of Two Decades*. Cambridge: MIT Press, 1999.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LOJKINE, Jean. *A revolução informacional*. São Paulo: Cortez, 2002.

MATTELART, Armand. *História da Sociedade da Informação*. São Paulo: Loyola, 2002

RIBOUD, A. *Modernisation et mode démploi*. Paris: UGE, 1988.

SANTOS, Paula Xavier. A dimensão política da disseminação da informação através do uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação: uma alternativa à noção de impacto tecnológico. *Datagramazero – Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, ago. 2004. <Disponível em: www.dgzero.org>. Acessado em 12 out. 2006.

RESUMO: A fase informacional do capitalismo modificou as relações sociais, provocando uma aceleração da dinâmica social, que redimensionou a economia, a cultura, a política e o mundo do trabalho. O acesso à informação, cada vez mais estratégico para os indivíduos e grupos sociais, permanece, entretanto, desigual. O artigo examina alguns aspectos e paradoxos desse processo.¹

PALAVRAS-CHAVE: Informação – Tecnologia – Capitalismo Informacional – Mundo do Trabalho – Mudança Social.

* Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP), docente do curso de Ciências da Informação e Documentação (FFCLRP-USP) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação (ECA-USP). E-mail: marcoaa@ffclrp.usp.br

** Bacharel em Ciências da Informação e Documentação (FFCLRP-USP), mestrando em Administração de Empresas (FEARP-USP). E-mail: ganzert@usp.br